

Mapeando Dificuldades e Intervenções no Cotidiano das Organizações de Cultura Popular em Caruaru-PE¹

Elisabeth Cavalcante dos Santos, Ítalo Henrique de Freitas Ramos da Silva, Pâmela Karolina Dias e Wilson Mike Morais

Resumo

Neste texto, o objetivo é refletir sobre o cotidiano de organizações de culturas populares em Caruaru-PE, a partir de duas vivências: a primeira, referente ao mapeamento das principais dificuldades vividas por mestres(as), e a segunda, referente às intervenções realizadas. Partimos da noção de cotidiano de Michel de Certeau, para compreender as práticas táticas (ou microrresistências), e a premissa filosófica das práticas para a compreensão da realidade social. Realizamos conversas informais e entrevistas semiestruturadas com doze mestres(as) de onze diferentes segmentos da cultura popular e observações não participantes. Destacamos que as dificuldades mapeadas são expressões dos conflitos existentes no cotidiano dos(as) mestres(as), levando-os a realizar práticas táticas. Ademais, ressaltamos as ações de intervenção como possíveis microrresistências às práticas acadêmicas instituídas, capazes de se relacionar com as práticas das próprias organizações de culturas populares, criando “espaços” nos “lugares” instituídos, e constituindo o cotidiano.

Palavras-chave

Cotidiano. Práticas. Organizações de Culturas Populares. Dificuldades. Intervenções.

Abstract

In this text, the objective is to reflect upon the everyday life of popular culture organizations in Caruaru-PE, based on two experiences: the first one referring to the mapping of the main difficulties experienced by masters and the second one referring to interventions that were carried out. We started from Michel de Certeau's notion of everyday life, to understand the tactical practices (or micro-resistances), and philosophical premise of practices to understand social reality. We conducted informal conversations and semi-structured interviews with fifteen masters from eleven different segments of popular culture, and non-participating observations. We emphasize that the mapped difficulties are expressions of the conflicts that exist in the masters' everyday lives, which lead them to carry out tactical practices (or micro-

resistance). In addition, we emphasize intervention actions as a possible micro-resistance to instituted academic practices, capable of relating to the practices of popular culture organizations themselves, creating “spaces” in the instituted “places”, and also constituting everyday life.

Keywords Everyday Life. Practices. Popular Culture Organizations. Difficulties. Interventions.

INTRODUÇÃO

Neste relato de experiência, tecemos reflexões acerca do cotidiano de organizações de culturas populares² da cidade de Caruaru-PE, a partir da descrição de duas aproximações vividas por nosso grupo de pesquisadoras e pesquisadores: a primeira, referente a um mapeamento das principais dificuldades enfrentadas por mestres, mestras³ e artistas das culturas populares caruaruenses, e a segunda, referente às intervenções realizadas nesse contexto.

Nosso grupo era composto por uma professora e estudantes do curso de graduação em administração (atualmente estudantes de Pós-Graduação em Gestão, Inovação e Consumo) do Centro Acadêmico do Agreste, da Universidade Federal de Pernambuco. Este campus foi fundado em 2006 como resultado do processo de interiorização do ensino público no Brasil, tendo como propósito dirimir as desigualdades no acesso ao ensino superior de qualidade e promover o desenvolvimento local, por exemplo (MENDONÇA, 2015).

A cidade de Caruaru está localizada na Região Agreste do Estado de Pernambuco, a qual possui um dos arranjos produtivos locais de confecções mais importantes do país (LIRA, 2011; SEBRAE, 2013). Particularmente, Caruaru é conhecida nacional e internacionalmente pelas famosas feiras de rua (IPHAN, 2017), e pela riqueza cultural, envolvendo o artesanato feito em barro (LORÊTO, 2016), as bandas de Pífano, o Boi Bumbá (SANTOS; HELAL, 2017), a Capoeira, o Afoxé, a Literatura de Cordel, o Bacamarte, o Mamulengo, a Dança (SANTOS *et al.*, 2019), os festejos juninos (SANTOS; ALMEIDA; HELAL, 2016), e tantas outras expressões.

Para tecer as reflexões empreendidas, utilizamos a noção certeuniana de cotidiano (*everyday life*) – cujo argumento central é de que o cotidiano é constituído pelos “lances táticos e situacionais que expressam as artes de fazer” (GOUVÊA; CABANA; ISHIKAWA, 2018, p. 306) do homem (ou mulher) comum ou ordinário(a) que, “na existência cotidiana, (re) cria seus espaços por diferentes caminhos” (FRANCO, 2017, p. 31).

Por trás dessa noção de cotidiano, partimos da premissa filosófica de que a realidade é constituída por práticas que se conectam por meio de inteligibilidades, formando malhas de práticas (SCHATZKI, 2003). Em outros termos, a inteligibilidade diz respeito àquilo que faz sentido para as pessoas, e é esse sentido incorporado, esse conjunto de saberes, dizeres e fazeres do corpo, que dá uma configuração específica às práticas e à realidade social

(SCHATZKI, 2001; 2003; 2006; 2012). Promover esse tipo de discussão nos estudos em administração tem se mostrado relevante no sentido de compreender as organizações não como coisas, mas como construções espontâneas de redes de ações (ou performances) que seguem a ideia do que precisa ser feito, somado à união de potenciais passados e futuros presentes na memória organizacional (SCHATZKI, 2006; CZARNIAWSKA, 2013). Em outras palavras, é ver as organizações enquanto processos inacabados (*organizing*) (CZARNIAWSKA, 2008; DUARTE; ALCADIPANI, 2016), feitas e refeitas a cada minuto, constituindo interconexões entre elementos diversos como atividades, objetos e seus usos, conhecimento, linguagem, emoções, motivações (SANTOS; SILVEIRA, 2015). É entender as organizações enquanto práticas exercidas no cotidiano.

Nesse sentido, Michel de Certeau mostra-se um autor útil à nossa compreensão do cotidiano das culturas populares, pois valoriza a história dos homens e mulheres comuns, “personagens abandonadas pelos projetores, construídas como figurantes das histórias comumente narradas” (TEIXEIRA, 2015, p. 379). Assim, acreditamos contribuir para “dar ouvidos” àqueles que o discurso hegemônico cala (GOUVÊA; CABANA; ISHIKAWA, 2018), uma vez que os estudos em administração têm priorizado a perspectiva econômica e racional-instrumental, sob uma lógica empresarial.

Cabe também ressaltar que tais agentes falam de um contexto periférico, historicamente invisibilizado e tido como atrasado em relação à modernidade, nomeadamente, o Nordeste brasileiro e o Agreste pernambucano (IBARRA-COLADO, 2006; ARAÚJO, 2004; ALBUQUERQUE Jr., 2011; SÁ, 2018). Nesse sentido, este texto também se justifica pela necessidade de problematizar tal contexto e as organizações que nele existem. As teorias que resgatam as práticas cotidianas mostram-se uma importante aliada neste propósito (COUTO; HONORATO; SILVA, 2019).

APROXIMAÇÕES COM O CAMPO

Nos meses de março e abril de 2017, realizamos três entrevistas exploratórias com mestres(as) das culturas populares de Caruaru-PE. Essas entrevistas exploratórias não seguiram roteiro nem foram gravadas, e constituíram conversas informais. Seu principal objetivo foi apresentar a pesquisa e os(as) pesquisadores(as), identificar quais os principais segmentos da cultura popular caruaruense, e quem eram os(as) seus(suas) principais mestres(as).

Neste momento, acessamos os Mestres 1, 2 e 3, do segmento do Boi Bumbá, do Cordel e da Capoeira, respectivamente. As entrevistas foram realizadas nas “casas” de cultura existentes na antiga Estação Ferroviária da cidade⁴, cada uma reservada a uma expressão popular. Tais casas foram construídas temporariamente como decoração para o festejo junino da cidade, mas acabaram sendo cedidas pela prefeitura aos grupos de cultura, os quais fizeram dessas casas temporárias, de madeira compensada, verdadeiras sedes de trabalho. Nessas casas, os mestres e seus grupos reuniam-se, apresentavam-se, recebiam visitantes (principalmente na época dos festejos juninos) e realizavam outras atividades importantes, como as aulas sobre cultura popular.

A partir das informações coletadas nessas entrevistas, montamos um quadro exploratório que permitiu o acesso a outros(as) mestres(as) culturais para realização de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas semiestruturadas aconteceram entre os meses de maio e outubro de 2017. Estas seguiram roteiro⁵, foram gravadas e transcritas. Foram entrevistados(as) doze mestres(as) de onze diferentes segmentos da cultura popular caruaruense, nomeadamente, o Boi Bumbá, o Cordel, a Capoeira, o Afoxé, a Dança Popular, o Pífano, o Circo, o Artesanato, a Mazurca, o Bacamarte, e o Mamulengo. Para acessar os(as) entrevistados(as), foi utilizado o quadro exploratório montado através das três primeiras conversas informais, realizadas na primeira fase da pesquisa.

Nessas entrevistas, acessamos os(as) mestres(as) nas casas de cultura da Estação Ferroviária, como a Casa do Mamulengo e a Casa do Boi, mas também fomos às residências dos(as) mestres(as), e às suas oficinas, sempre muito simples e aconchegantes. Em todos estes espaços, percebemos a riqueza de elementos expostos, fossem bonecos (no caso do Mamulengo), cordéis (na Casa do Cordel), instrumentos (na Casa do Boi e da Capoeira) etc. Víamos claramente as histórias dessas organizações expostas em cada elemento presente no ambiente.

Entre os meses de abril e julho de 2017, realizamos observação não participante em 3 reuniões do Conselho Municipal de Cultura e em 1 fórum de políticas culturais para a cultura popular, os quais aconteceram no Museu do Barro da cidade e na Casa do Cordel. No mês de julho de 2017, também realizamos observação não participante em duas oficinas de um dos grupos de Boi Bumbá investigado, na Casa do Boi. As observações foram sistematizadas e geraram relatos com os principais conteúdos discutidos.

Para organização do material coletado nessa primeira aproximação com o campo, o qual nos permitiu levantar as principais dificuldades dos(as) mestres(as) das culturas populares, utilizamos análise temática de conteúdo (BARDIN, 1977), reunindo trechos de entrevistas que se referiam ao mesmo tema, gerando sete temas distintos.

A partir da análise das possibilidades levantadas pelos(as) mestres(as) para superação das dificuldades, selecionamos uma delas – o intercâmbio entre universidade e comunidade – para realizar intervenções. Essa foi a possibilidade escolhida, devido à escassez de recursos do nosso grupo de pesquisadores(as). Desse modo, durante os anos de 2017 e 2018, foram realizadas ações de intervenção, limitadas por nossas capacidades de tempo e recursos, uma vez que nenhuma ação foi financiada, mas construída a partir de esforço coletivo do grupo e de parceiros(as) encontrados(as).

Similarmente a Santos, Silva, Campos e Cordeiro (2018), entendemos por intervenção, a ação conjunta e refletida de dois ou mais agentes, com o objetivo de gerar benefícios mútuos, seja em termos sociais, culturais, de aprendizagem, econômicos etc., e atenta aos jogos de forças que ela mesma cria (como toda e qualquer produção social constituída por relações de poder).

DIFICULDADES MAPEADAS

Os mestres e mestras acessados são, em sua maioria, pessoas com mais de 50 anos de idade. Os mais jovens nem sempre são reconhecidos como mestres(as), porém, resguardam conhecimentos importantes para os grupos populares em que atuam, possuindo papel essencial na transmissão do saber-fazer de forma oral na maior parte das vezes. A partir dos relatos dos(as) mestres(as), foi possível realizar um mapeamento das dificuldades vivenciadas no cotidiano desses agentes.

A primeira dificuldade diz respeito às **assimetrias entre culturas**, destacando-se nos relatos a concorrência desleal entre as culturas populares e a cultura pop (Mestre 10), e a pouca visibilidade das manifestações tradicionais quando comparadas à ascensão das manifestações contemporâneas (Mestra 6). A segunda dificuldade refere-se à **desvalorização e preconceitos**, devido à incompreensão do público em geral sobre os significados das culturas populares, principalmente aquelas de matriz africana. Sobre isso, a Mestra 6 diz:

[...] mesmo que muitas pessoas não entendam lá fora, mas a gente sabe o que a gente tá fazendo, o que a gente tá dançando e por que a gente tá fazendo aquilo. Que para muitos, às vezes, pode ser até engraçado, ridículo, mas a gente sabe que a gente tá reproduzindo a cultura de um povo que tá lá e que ninguém enxerga, que é como se fosse um povo invisível, né.

Outro tema recorrente nas falas dos mestres e mestras diz respeito à **precariedade do trabalho**, pois eles e elas narram trabalhar muitas horas por semana, por vezes sem condições ou remuneração adequadas, como nas casas de cultura na antiga Estação Ferroviária da cidade, a qual não possuía banheiros e, frequentemente, era alvo de assaltos. A **ausência de matéria prima para produção**, como taboca para produção do pífano (Mestre 7), a madeira para construção do berimbau (Mestre 5) e o barro para o artesanato (Mestre 12), também foi um tema recorrente nas entrevistas. Houve destaque ainda para temas como a **ausência de projetos públicos para a cultura popular além do São João**, considerado o maior festejo da cidade, atraindo pessoas de todo o país; a **possível perda dos saberes dos mestres e mestras**, uma vez que não há registro escrito dos saberes dominados pelos mestres e mestras (Mestre 8) e muitos jovens não têm interesse em desenvolver os trabalhos referentes à cultura popular (Mestre 12); e a **relação conflituosa com o poder público**, devido às exigências burocráticas para o exercício da atividade (Mestre 11), o não cumprimento de valores acertados (Mestre 7), o pouco apoio (Mestre 8), a falta de transparência (Mestra 4) etc. A partir das dificuldades relatadas pelos(as) mestres(as) entrevistados(as), aqui resumidas, percebemos a existência de diferentes agentes que constituem o cotidiano das culturas populares em Caruaru-PE: (1) o poder público – representado nas falas como aquele que define os processos burocráticos que devem ser seguidos, que já atrasou cachês, que não foi transparente sobre o uso dos recursos públicos, que dá pouco apoio e incentivo para ações das culturas populares, que não desenvolve políticas públicas de salvaguarda dos(as) mestres(as) e saberes, dentre outras questões levantadas; (2) os jovens – que são tidos como desinteressados na continuação da cultura popular; (3) o público consumidor – que, por vezes, não entende a proposta das expressões culturais, de acordo com os entrevistados; e (4) a universidade – tida como detentora de um saber que poderia ser usado para superar dificuldades.

Cada um desses agentes parte de contextos distintos, exercendo papéis diferentes numa mesma malha de práticas (SCHATZKI, 2003). Aqui, entendemos que essa malha constitui a realidade social, e constringe as (e é constringida pelas) performances dos praticantes (SCHATZKI, 2001; 2003; 2006; 2012). Dentre as práticas que permitem às organizações de culturas populares *(r)existirem*, e que podemos observar a partir dos relatos dos(as) mestres(as), estão: **prática de apresentação** (comum a vários segmentos, mas que possuem especificidades a depender da organização); **prática burocrática** (como a de registro de “licença” e de autorização para atuação do Bacamarte); **prática de customização de roupas** para serem comercializadas pelo Boi Bumbá; **prática de construção dos instrumentos** (organizações ligadas ao pífano, à Capoeira e ao Boi Bumbá); **prática de manutenção do espaço** onde atuam; **prática de ensaios**; **prática de confecção de bonecos** de barro; **prática de vendas** (diferente para cada segmento, pois alguns lidam com produtos, como o Artesanato em Barro e o Cordel, e outras comercializam serviços); **prática de elaboração de projetos**; **prática de elaboração de loas** (cânticos que expressam tradição oral); **prática de participação** nos conselhos públicos municipais; **prática de solicitação de recursos** junto aos órgãos públicos etc.

Essa diversidade de práticas e de agentes nela inseridos presume lógicas, entendimentos, estruturas de pensamentos, capitais sociais e culturais também distintos, o que pode tornar o diálogo entre os agentes algo conflituoso. Foi o que percebemos, por exemplo, nos comentários dos entrevistados e entrevistadas sobre o difícil diálogo entre eles(as) e o poder público, ou entre eles(as) e o público consumidor, o qual não entende as culturas populares. Cabe destacar aqui que só investigamos os(as) mestres(as) que possuem uma visão específica sobre o que cada agente envolvido no campo deveria realizar, baseado nos entendimentos compartilhados existentes nessa prática cultural. Desse modo, podemos afirmar que a realidade das organizações de culturas populares em Caruaru, entendida aqui como uma malha de práticas (SCHATZKI, 2003), é composta por diferentes agentes, em diferentes situações sociais e em diversificadas práticas, gerando conflitos diversos.

Entretanto, conforme pontua Certeau (2014), apesar de as tensões e violências existirem inevitavelmente na realidade, elas fornecem os “equilíbrios simbólicos, os contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários” (CERTEAU, 2014, p. 44). É o que pode ser observado no próprio evento de São João da cidade, de certo modo criticado pelos(as) mestres(as) investigados(as), por acontecer somente uma vez ao ano, mas que tem ampla adesão (não de forma pacífica) dos(as) praticantes das culturas populares.

Diante dessas relações de forças desiguais, percebemos estratégias definidas por agentes de poder como o poder público (o qual define processos burocráticos a serem seguidos pelos agentes), a universidade (detentora de um conhecimento tido como de maior valor), ou a igreja (cujos sistemas de crenças não reconhecem outros mais marginalizados, como os de matriz africana). São esses agentes que definem lugares de poder e impõem sistemas às culturas populares, como coloca Certeau (2014).

Entretanto, apesar de Certeau (2014) apontar para a existência de sistemas de produção impostos por ordens dominantes, nos quais os homens (e mulheres) ordinários se inserem,

estes não necessariamente exercem a passividade. Na verdade, esses agentes sociais fazem diferentes usos desses sistemas, manipulando-os por meio das táticas.

Por táticas, o autor entende as maneiras de utilizar os sistemas impostos, as “trampolinagens” realizadas para “driblar contratos sociais” (CERTEAU, 2014, p. 74), o “fazer” com regras postas por outros, a “arte do fraco” (p. 95), que “depende de saberes muito antigos” (p. 46). Essas táticas dos homens (e mulheres) comuns são resistências às estratégias, exercidas por sujeitos que manipulam as forças e o poder, como as organizações empresariais, exércitos, instituições científicas, cidades, instaurando um lugar próprio, capaz de exercer o controle.

Desse modo, percebemos a existência de microrresistências no dia a dia dos(as) mestres(as) e artistas, as quais mantêm vivas as organizações culturais a despeito de tantas dificuldades. Ou seja, mesmo diante de preconceitos, de falta de infraestrutura básica, de ausência de pagamentos justos, esses agentes entrevistados resistem, seja pressionando o poder público nas reuniões do conselho de políticas culturais, seja realizando pequenas apresentações para se manterem ao longo do ano, seja buscando parcerias com as universidades, ou seja, insistindo em existir (ROQUE, 2003).

Consideramos que essas táticas ou práticas de resistência constituem o cotidiano das organizações de culturas populares dos mestres e mestras. Como colocam Gouvêa, Cabana e Ishikawa (2018), esse cotidiano é “feito pelos praticantes como um trabalho de *patchwork*, no qual, peças de diferentes tamanhos vão se encaixando no dia a dia, formando uma obra de arte que, na maioria das vezes, não é percebida” (p. 310). É nesse cotidiano que o homem (ou mulher) ordinário sempre pode “desfazer a fatalidade da ordem estabelecida” (CERTEAU, 2014, p. 74), mas considerando as amarras às quais está submetido, o que não o permite romper de forma brusca com o sistema imposto.

INTERVENÇÕES REALIZADAS

Ao final das entrevistas com os mestres e mestras, solicitamos que pontuassem possíveis alternativas diante das dificuldades relatadas. Nas respostas, os(as) mestres(as) mencionaram um intercâmbio entre universidade e comunidade que pudesse concretizar ações diversas como o registro escrito de saberes populares, auxílio na elaboração de projetos culturais etc. Assim, realizamos nossas ações de intervenção no sentido de promover aproximações entre a universidade e a comunidade.

Em 2017, convidamos mestres(as) das culturas populares (do segmento do Boi Bumbá, do Pífano, e do Cordel), a participarem do processo de ensino-aprendizagem no espaço universitário, compartilhando experiências, histórias, saberes, e modos de intervir na realidade por meio das culturas populares, até então desconhecidas por muitos estudantes, habituados às teorias e histórias “sem vida” na academia.

Em novembro do mesmo ano, promovemos cine-debate na universidade com integrantes do grupo de Capoeira e estudantes do curso de administração, com o objetivo de discutir a vida e a obra do Mestre Pastinha, fundador da Capoeira Angola. Em agosto de 2018, membros

do mesmo grupo de Capoeira e estudantes do curso de administração realizaram visita à Reserva Quilombola, localizada em Serra da Barriga, na cidade de União dos Palmares, em Alagoas.

Nesses intercâmbios, percebemos como a Capoeira Angola se relaciona à ginga, a qual, na verdade, se refere a todo movimento do corpo, sendo um verdadeiro modo de existir, como relatou o Mestre 5:

[...] a gente fala que Capoeira Angola é o seu dia a dia, a ginga, aquele passo que a gente pensa que é difícil não é nada mais do que você tá andando, você anda de outra forma, em vez de você tá andando pra frente, você tá andando pro lado, você vai num balanço assim, é, você tá jogando bola, a bola cai debaixo de um carro você vai se abaixar pra pegar, isso é um movimento de Capoeira Angola, mas, depois de um tempo, você vai aprendendo.

Em abril de 2018, na antiga Estação Ferroviária da cidade de Caruaru, realizamos o evento denominado Feira da Estação com alguns dos(as) mestres(as) entrevistados(as). A feira foi composta por feira criativa, rodas de conversa e apresentações culturais, e constituiu um momento rico para trocas entre agentes diversos. Nessa feira, realizamos projeto de extensão de Formação em Produção Cultural em Caruaru-PE, o qual previa o envolvimento de estudantes universitários na prática da produção cultural e os certificou pelas horas dedicadas. Estiveram envolvidos na realização do evento estudantes dos cursos de graduação em Administração, Comunicação Social e Design da UFPE.

Outro projeto de extensão que surgiu em 2018, a partir das reflexões feitas nas aproximações com o cotidiano das culturas populares, foi a Formação para Agentes Culturais Locais, um curso gratuito e aberto à comunidade caruaruense, com duração de 1 ano, no qual os participantes tiveram contato com diferentes expressões culturais como fotografia, ilustração, poesia, teatro etc. Nesse projeto, experimentamos outros modos de estar no mundo, utilizando a cultura como possibilidade de empoderamento, o que permitiu trocas ricas entre artistas e profissionais, construção de parcerias e realização de projetos.

Outra intervenção foi a elaboração e partilha de cartilha sobre constituição jurídica de associações, diante da dificuldade relatada por integrantes do Boi Bumbá. E, em novembro e dezembro de 2018, realizamos a distribuição de relatórios contendo as dificuldades e proposições apontadas pelos(as) mestres(as) e artistas entrevistados.

Através dessas intervenções, buscamos construir espaços de trocas entre saberes científicos e populares, no intuito de aproximar essas duas formas de estar no mundo, as quais podem ser complementares. Desse modo, promovemos debates e vivências dentro e fora do ambiente universitário, ampliando possibilidades de aprendizado através da exploração de elementos sensoriais e das mais diversas manifestações culturais. Estudantes de graduação foram envolvidos de diversas formas nessas ações de intervenção, por acreditarmos na importância de formar profissionais que possuam, nos seus horizontes de atuação, o envolvimento em suas comunidades, fortalecendo culturas, identidades e, conseqüentemente, o desenvolvimento social. Importante destacar também que essas intervenções só fazem sentido, no âmbito da universidade, quando articulam ensino, pesquisa e extensão, pilares dessas entidades.

Uma reflexão importante proporcionada por essas intervenções, e que nos ajudou a compreender um pouco mais o cotidiano das culturas populares em Caruaru-PE, é que elas foram promovidas por um agente muito específico no jogo de relações de forças apontado na seção anterior: a universidade. Um agente de poder que possui interesses específicos e que, historicamente, não promoveu diálogo com os conhecimentos populares, valorizando um conhecimento científico impessoal, racional-instrumental, distante das questões cotidianas, dos homens (e mulheres) ordinários e comuns. Esse agente detém capital cultural valorizado socialmente, o qual é visto pelos próprios agentes entrevistados como necessário para superar dificuldades como captação de recursos, gestão financeira etc.

As noções de “lugar” e “espaço” de Certeau (2014) são úteis aqui. Para ele, no “lugar”, notam-se as práticas estratégicas colocadas pelos praticantes por meio do planejar, do projetar o direito adquirido da posse, estabelecendo as posições das práticas. O “lugar” implica estabilidade e possibilita ao “próprio” uma forma de capitalizar o tempo e ter autonomia, monitorando forças que se movam em sentido oposto às estratégias (CERTEAU, 2014). O espaço, por sua vez, é um lugar praticado pelo homem (ou mulher) comum, no exercício das táticas cotidianas. As táticas, portanto, permitem a criação de espaços nos lugares estrategicamente pensados, ou seja, as táticas são práticas de resistência, e é no cotidiano que elas se desenvolvem.

O “lugar” da universidade, construído historicamente, e impossível de ser desconstruído por meio de ações pontuais, gerou algumas situações ao longo das intervenções realizadas. Percebemos, por exemplo, a dificuldade em acessar alguns ambientes para realização da feira da estação, e também algumas discussões, principalmente nas rodas de conversa promovidas, como os questionamentos feitos pelos(as) artistas locais sobre o papel da universidade na comunidade, e a problematização sobre a linguagem pouco acessível utilizada por ela.

Entendemos que a universidade, para além desse papel que vem exercendo historicamente junto às culturas populares, pode ser um agente intermediador de interesses diversos, como observado nas ações de intervenção brevemente descritas anteriormente, no sentido de buscar e viabilizar soluções para problemas cotidianos. Diante do exposto, e entendendo a pesquisa, assim como as organizações de culturas populares, como uma malha de práticas historicamente constituídas, percebemos a universidade como um dos agentes “mais fortes” (usando o termo de Michel de Certeau), produtor de sistemas e de ordens que são impostas aos “mais fracos”. Realizar pesquisas intervencionistas que promovam o diálogo com os homens (e mulheres) comuns e com os conhecimentos populares por eles(as) produzidos não rompe com sistemas impostos, mas pode ser entendido como microrresistências táticas que questionam ordens impostas e constituídas por “outros” em contextos diferentes dos nossos (CERTEAU, 2014).

Assim, cada uma das intervenções realizadas é entendida por nós, praticantes em constante reflexão sobre nossa própria prática, como “espaços” (onde se constituem as táticas), construídos à mercê das possibilidades restritas (de tempo, recursos financeiros, pessoas etc.) nesse “lugar” (onde se constituem as estratégias) da universidade, pautado num sistema de conhecimentos por vezes excludentes.

Entendemos que essas táticas de resistência (que resistem a modos instituídos de se fazer pesquisa), articulam-se às próprias táticas das organizações de culturas populares, criando diversas possibilidades, sentidos, performances e tensões, e constituindo, também, o cotidiano dessas organizações, feitas por homens e mulheres comuns.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que este relato de experiência seja útil para melhor compreensão do cotidiano das organizações das culturas populares em Caruaru-PE, semelhante a tantos outros, constituídos por relações de forças, expressas nas dificuldades percebidas pelos praticantes, mas também composto por microrresistências táticas, as quais permitem a essas organizações sobreviverem diante de tantas adversidades.

Também esperamos que este relato de experiência contribua para o debate sobre o fazer da pesquisa a partir de teorias das práticas que, mesmo que de forma indireta, envolvem os pesquisadores(as) nas lutas diárias dos homens e mulheres comuns, e que geram a possibilidade de criação de novas ferramentas metodológicas e de resistências.

Como principal sugestão para pesquisas futuras, recomendamos uma análise dos possíveis sentidos, sujeitos, performances e tensões criados na articulação de táticas de resistência, praticadas por agentes com repertórios e entendimentos distintos, e que ocupam lugares diferentes nas relações de poder instituídas. Sugerimos também investigação da nova realidade dos mestres e mestras da cultura popular, os(as) quais, antes, desenvolviam suas atividades nas casas de cultura, na antiga Estação Ferroviária da cidade, mas que, em 2019, foram transferidos para o galpão dessa Estação.

NOTAS

- 1 Submetido à RIGS em fev. 2020. Aceito para publicação em ago. 2020.
- 2 Por culturas populares, entendem-se os saberes-fazeres de povos historicamente marginalizados. São as elaborações específicas de suas condições de vida, as quais se dão numa interação conflitiva com setores hegemônicos, como resultado de uma apropriação desigual de capital cultural (CANCLINI, 2013).
- 3 Por mestres e mestras, entende-se aqueles(as) que incorporam saberes-fazeres valorizados num segmento específico (seja ele a Capoeira, o Pífano, o Mamulengo etc.), permitindo uma organização social do conhecimento enredada na prática que possibilita, inclusive, construir identidades de trabalho (FIGUEIREDO; IPIRANGA, 2015).
- 4 No ano de 2019, as casas de cultura da antiga Estação Ferroviária de Caruaru foram derrubadas e os grupos culturais que ali exerciam suas atividades foram transferidos para o galpão existente nessa mesma Estação.
- 5 No roteiro das entrevistas semiestruturadas, solicitamos informações sobre a organização cultural na qual os(as) mestres(as) atuavam; sobre a história do(a) mestre(a) e da organização; sobre sua rotina de trabalho dentro e fora do organização; sobre como aprenderam o que sabem e como transmitem esse saber; sobre as principais dificuldades; sobre o papel da universidade; sobre outras organizações que conhecem na cidade.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE Jr., D. M. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ARAÚJO, T. B. Northeast, Northeast: what northeast? **Latin-American Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 16-41, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda., 1977.
- BISPO, M. Estudos Baseados em Prática: conceitos, história e perspectivas. **RIGS - Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, Salvador, v. 2, n. 1, p. 13-33, 2013.
- BISPO; M. S.; SOARES, L. C.; CAVALCANTE, E. D. C. Panorama dos estudos sobre práticas no Brasil: Uma análise da produção. In: ENCONTRO DA ANPAD, 38., 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2014.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 22. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- COUTO, F. F.; HONORATO, B. E. F.; SILVA, E. R. Organizações outras: Diálogos entre a teoria da prática e a abordagem decolonial de Dussel. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 23, n. 2, p. 249-267, 2019.
- CZARNIAWSKA, B. Organizing: how to study it and how to write about it. **Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal**, v. 3, n. 1, p. 4-20, 2008.
- CZARNIAWSKA, B. Organizations as obstacles to organizing. In: ROBICHAUD, Daniel; COOREN, François (Ed.). **Organizations and organizing: Materiality, agency, and discourse**. Nova Iorque: Routledge, 2013. p. 3-22.
- DUARTE, M. F.; ALCADIPANI, R. Contribuições do organizar para os estudos organizacionais. **Organizações e Sociedade**, v. 23, n. 76, p. 57-72, 2016.
- FRANCO, B. L. **Práticas organizativas dos empreendedores culturais na constituição das cidades: Compreendendo a produção e ocupação dos espaços da cidade por grupos de Forró em Brasília, Distrito Federal**. 2017. 124 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.
- FIGUEIREDO, M. D; IPIRANGA, A. S. R. How can we define mastery? Reflections on learning, embodiment and professional identity. **Brazilian Administration Review**, v. 12, n. 4, p. 348-364, 2015.
- GOUVÊA, J. B.; CABANA, R. P. L.; ISHIKAWA, E. Y. As histórias e o cotidiano nas organizações: uma possibilidade de dar ouvidos àqueles que o discurso hegemônico cala. **Farol - Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 5, n. 12, p. 297-347, 2018.

IBARRA-COLADO, E. Organization studies and epistemic coloniality in Latin America: thinking otherness from the margins. **Organization**, Londres, v. 13, n. 4, p. 463-488, 2006.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL [IPHAN]. (n.d.). **Inventário Nacional de Referências Culturais do Maracatu Nação**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2017.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL [IPHAN]. **Dossiê Registro da Feira de Caruaru**. Recife, 2006. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_feira_de_caruaru.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2017.

LIRA, S. M. **Muito além das Feiras da Sulanca**: a produção da confecção no Agreste/PE. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

LORÊTO, M. S. S. **Políticas Públicas de Artesanato na Reprodução da Força de Trabalho dos Artesãos em Barro no Alto do Moura, Caruaru – PE**. 2016. 250 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

MENDONÇA, R. M. L. **Análise da Implementação do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco no Contexto da Expansão e Interiorização das Universidades Federais Brasileiras**. 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

NICOLINI, D. **Practice Theory, Work, & Organization**: an introduction. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ROQUE, T. Resistir a quê? Ou melhor, resistir o quê? **Lugar Comum**, v. 17, p. 23-32, 2003.

SÁ, M. **Filhos das feiras**: uma composição do campo de negócios agreste. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2018.

SANTOS, E. C.; ALMEIDA, M. F.; HELAL, D. H. Representações como Práticas Organizativas da Cidade de Caruaru/Pe. **Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 3 n. 8, p. 1254-1312, 2016.

SANTOS, E.; HELAL, D. H. Práticas de trabalho da cultura popular no agreste de Pernambuco: entre o moderno e o tradicional. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 16, n. 2, p. 127-150, 2017.

SANTOS, E. C.; SILVA, J. K. F.; CAMPOS, P. O.; CORDEIRO, G. M. S. Aprendizagem em Ação no Curso de Administração: Intervenção em Organização Cultural na Cidade de Caruaru-PE. **TPA - Teoria e Prática em Administração**, v. 8, n. 1, p. 75-105, 2018.

SANTOS, E. C.; SILVA, I. H. F. R.; DIAS, P. K.; MORAIS, W. M. Reflexões acerca dos Saberes e Práticas Organizativas das Culturas Populares em Caruaru-PE. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD, 10., 2019, Recife. **Anais...** Recife, 2019.

SANTOS, L. L. S.; SILVEIRA, R. A. Por uma epistemologia das práticas organizacionais: A contribuição de Theodore Schatzki. **Organizações e Sociedade**, v. 22, n. 72, p. 79-98, jan./mar. 2015.

SEBRAE. **Estudo Econômico do Arranjo Produtivo Local de Confeções do Agreste Pernambucano, 2012**. Recife, 2013. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/pe/barra_funcionalidade/sebraepernambuco-estudos-e-pesquisas,aae8e29765326410VgnVCM2000003c74010aRCRD>. Acesso em: 28 abr. 2017.

SCHATZKI, T. R. Introduction: practice theory. In: SCHATZKI, T. R.; KNORR CETINA, K.; VON SAVIGNY, E. (Ed.). **The practice turn in contemporary theory**. Nova Iorque: Routledge, 2001.

SCHATZKI, T. R. A New Societist Social Ontology. **Philosophy of the Social Sciences**, v. 33, n. 2, p. 174-202, 2003.

SCHATZKI, T. R. On organizations as they happen. **Organizations Studies**, v. 27, n. 12, p. 1863-1873, 2006.

SCHATZKI, T. R. A primer on practices. **Practice-based education**. Practice Education Work and Society, Sense Publishers, v. 6, p. 13-26, 2012.

TEIXEIRA, J. C. **As artes e práticas cotidianas de viver, cuidar, resistir e fazer das empregadas domésticas**. 2015. 412 f. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

**Elisabeth
Cavalcante dos
Santos**

Doutora em Administração pela UFPB. Líder e pesquisadora do Grupo Vivências. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Gestão, Inovação e Consumo (PPGIC). Professora Adjunta do Núcleo de Gestão do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (NG/CAA/UFPE). E-mail: elisabeth.csantos@ufpe.br

**Ítalo Henrique
de Freitas
Ramos da Silva**

Graduando em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: italohenriquedefreitas@gmail.com

**Pâmela
Karolina Dias**

Mestranda em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão, Inovação e Consumo (PPGIC/UFPE). Graduada em Administração pelo Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE). Pesquisadora do Grupo Vivências. E-mail: pâmela.dias@ufpe.br

**Wilson Mike
Morais**

Mestrando em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão, Inovação e Consumo (PPGIC/UFPE). Graduado em Administração pelo Centro Acadêmico do Agreste (CAA/UFPE). Participante do grupo de pesquisa e extensão Grupo Vivências. E-mail: wilson.mmorais@ufpe.br